

INTRODUÇÃO

A primeira grande parte da história da igreja envolve a História de Israel no período bíblico, desde sua formação até chegar no governo de Herodes, o grande. Não se trata da releitura do Antigo Testamento e tão pouco sobre ele, mas sobre a História de Israel e os passos que levaram ao surgimento efetivo do cristianismo.

Quase não se sabe muito a respeito dos hebreus anterior à data dos patriarcas, as escrituras não detalham sobre isso. Da criação do mundo, passando pela queda do homem, dilúvio e até chegar em Abraão são apenas 11 capítulos que representa pouco mais de 4.000 anos de história. O que guia a História da Igreja é a Bíblia e não perspectivas arqueológicas.

Período dos Patriarcas

A narrativa do Antigo Testamento (Tanakh) que é conhecida pelo povo Judeu, acontece na região na região chamada crescente fértil, uma vasta área que engloba o nordeste da África, passando pela Turquia, Palestina, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque. Região esta marcada pela fertilidade proporcionada pelo Rio Nilo, o Jordão e o Tigre e Eufrates, que por sua vez inundavam a região e faziam da desertificação uma área produtiva e fértil.

Nesta região estabeleceu-se grandes civilizações, como a Egípcia e a Mesopotâmica. A Egípcia estruturada no V milênio a.C, isto é, cerca de 2.000 mil anos antes de Abraão. A Mesopotâmica, mais antiga, estruturada no VII milênio a.C., ambas civilizações se beneficiavam das cheias dos rios e desta região. Sobre o aspecto sócio político, as civilizações eram bem distintas, no Egito o Faraó era a figura central e era considerado um deus; sobretudo na civilização mesopotâmica não existiu uma figura central de poder única, existiam vários reis que governavam cidades-estados e cada qual era representada por um deus e não a encarnação de um.

A palavra Mesopotâmia é original do grego e significa “entre rios”, fica na região entre os Rios Eufrates (parte oriental) e os rios Tigre (parte ocidental). Foi também nesta região que se estabeleceram várias outras: sumérios, dos acádios, dos caldeus, dos amoritas e dos assírios. Cada povo tinha sua língua, sua cultura, suas leis, seus deuses e suas cidades que funcionavam, antes do estabelecimento de grandes impérios na região, como unidades político-administrativas autônomas, com diferentes características, vejamos:

- SUMÉRIOS: invenção da escrita cuneiforme
- AMORITAS: organizaram o primeiro código de leis escritas (Código de Hamurabi)
- ASSÍRIOS: conhecidos pela sua crueldade contra os inimigos

É em UR dos Caldeus que se inicia toda a História Bíblica dos Patriarcas. Na cidade vivia Terá, um escultor de ídolos, descendente de Sem (Filho de Noé) e pai de Abraão, Naor e Harã. Em UR vivenciou o falecimento de seu filho Harã, e depois deste episódio partiu com seu filho Abraão, sua nora Sarai e seu neto Ló, filho de Harã, para Canaã. Terá faleceu no caminho a Canaã, na cidade de Harã, sul da Turquia, e foi onde Deus fez o pacto com Abraão, o primogênito de Terá. (Gn 12: 1-3 – conhecido como Bereshit na tradição judaica). Este episódio assim, inaugura o período patriarcal, que é descrito na passagem bíblica de Gn 12 até Ex 1 (Shemot na Torá) – período que abarca aproximadamente 700 anos.

O que marca significativamente o período patriarcal é a tentativa de consolidação dos hebreus em Canaã e a luta pela unidade religiosa monoteísta de seus descendentes. Economicamente, esse período caracteriza-se pela criação de pequenos rebanhos e pela agricultura de subsistência.

ABRAÃO E ISAAC

O primeiro Patriarca foi Abrão (nome de significado Pai nas Alturas), casado com Sarai e foi escolhido por Deus para possuir Canaã. Historicamente Abrão é conhecido como o primeiro Hebreu (a palavra Hebreu pode assumir diferentes significados, desde habitante de Hebron até Peregrino)

Abrão recebeu de Deus a ordem, porém como poderia ser pai de uma grande nação quando a esposa Sarai era estéril. A pedido então da própria Sarai, Abrão se deita com a concubina egípcia Agar e desta relação nasceu Ismael (Deus escutou). Porém Deus havia dado ordens bem claras e específicas para Abrão e isto não estava nos planos do criador em fazer Abrão pai de uma grande nação a partir de um filho bastardo.

A partir do capítulo 12 de Gn Deus muda o nome de Abrão para Abraão (pai das nações) e neste mesmo contexto muda o nome de Sarai para Sara (princesa). Esta mudança teve por objetivo marcar a transformação na vida matriarca, que passou de estéril para fértil.

Neste mesmo capítulo acontece o Pacto Abraâmico, a aliança eterna entre o Criador e seus descendentes. (Gn 17: 8-14). Ainda em nossos dias, o Pacto é celebrado entre os judeus na cerimônia da Brit Milá, que acontece como observância da lei no oitavo dia do nascimento de um menino (circuncisão).

A “antiga Aliança” era exigência da circuncisão, com a vinda de Jesus Cristo e a “nova Aliança” o próprio apóstolo Paulo como um dos fundadores da Igreja, admoesta da necessidade de circuncidar a alma e não mais o corpo (Rm 2: 25-29, Fl 3: 3, Cl 2: 11).

Como prometido, o Senhor visitou Sara e ela deu a luz a Isaac. Em Gn 22: 3, Abraão ouviu Deus e seu pedido de sacrifício de Isaac na terra de Moriá, o patriarca atendeu imediatamente sobretudo foi poupado por Deus de ter que sacrificar o próprio filho, foi a maior prova de todos os tempos bíblicos. Abraão viveu até o fim de sua vida em Canaã.

Isaac herdou tudo de seu pai, inclusive as promessas de Deus. Casou-se com Rebeca e teve dois filhos gêmeos: Jacó e Esaú. Aumentou suas posses e riquezas e agiu como um chefe de Estado fazendo aliança com os filisteus. A grande peculiaridade do nascimento dos filhos é que Esaú (primogênito) saiu do ventre com seu irmão segurando o seu calcanhar, o nome do irmão é Jacó que significa “enganador”, “aquele que segura o calcanhar”.

Jacó, o preterido de seu pai e de sua mãe, envolveu-se em um dos episódios mais constrangedores da narrativa bíblica. Na cerimônia preparada para a investidura da bênção ancestral a seu irmão, que pela tradição receberia toda a herança por ser primogênito, Jacó enganou seu pai, que estava velho e debilitado, e se passou por seu irmão, isso com a bênção de sua mãe, que manipulou a situação. Esse episódio pode ser lido no capítulo vinte e sete do livro de Genesis. Jacó, o terceiro patriarca, jurado de morte por seu irmão e “devidamente”abençoado por seu pai, partiu para Harã, onde se refugiou na casa de Labão, seu tio. Foi na cidade onde morrera Terá que o enganador foi enganado. A narrativa bíblica mostra-nos que Jacó propôs a Labão o trabalho de sete anos em troca da mão de sua filha Raquel, e seu tio prontamente aceitou a proposta. Passados sete anos, Labão ofereceu a mão de Lia, sua filha mais velha, quebrando, assim, o contrato com o sobrinho. Para consolidar a união com a amada Raquel, foi obrigado a trabalhar mais sete anos.

Sem dúvida, um momento marcante para o desenvolvimento desta história foi o episódio do vau de Jaboque, quando, após uma luta com “um homem”(Gn 32,24), Jacó teve seu nome trocado para Israel, que significa “aquele que lutou com Deus e com os homens e prevaleceu”. Do núcleo familiar de Israel, teremos o surgimento das doze tribos, sendo seus descendentes também conhecidos como israelitas, traduzidos por Filhos de Israel.

HISTÓRIA DE JOSÉ

O fechamento da história dos Patriarcas em Canaã se deu no episódio da vida do 11 filho de Jacó: José. Era um dos filhos de Raquel e suscitou ódio de seus irmãos ao tornar público seus sonhos, por conta disso

começa a trama e ele foi vendido como escravo para o Egito, sendo depois foi avisado por seus irmãos que uma besta fera tinha devorado-o.

No Egito, José recebeu as melhores formações e instruções, de escravo passou a governador, e lá mesmo reencontra sua família, perdoa—os e convida para deixar Canaã e viver no Egito, neste momento tem o início do período do exílio Egípcio na História de Israel.

MOISÉS LIBERTADOR

Segundo narrativa bíblico-histórica, Moisés era um Hebreu da tribo de Levi nascido no Egito durante o período da opressão. Na primeira narrativa bíblica o povo de “hóspedes” fora colocado de escravos e o bebê Moisés foi colocado no Rio Nilo por sua mãe Joquebede que temia sua morte pois Faraó havia decretado a morte de todos os filhos recém nascido do povo hebreu.

Moisés foi retirado do Rio Nilo pela filha do faraó e amamentado por sua mãe que era serva da mulher. Moisés foi criado como um príncipe e recebeu tudo o que existia de melhor inclusive a instrução educacional. Ao crescer Moisés acaba matando um oficial que atentou conta a vida de outro hebreu, e ele assim acabou fugindo do Egito para o deserto de Midiã, onde depois casou-se com Zípora filha do sacerdote Reuel.

Cuidando de ovelhas no deserto um dia Moisés vê a sarça ardente e tem um encontro com Deus. Ocorre naquele momento através daquela sarça ardente a renovação da aliança com seus ancestrais, Abraão, Isaac e Jacó.

Moisés o libertador, diante do faraó encontra uma série de dificuldades, ele era gago, e também encontrou um coração endurecido conforme o próprio Deus havia lhe revelado através da sarça ardente. Foi necessário um tempo até que o monarca egípcio liberasse a saída do povo hebreu de suas terras, um acontecimento precedido de 10 pragas enviadas por Deus.

Moisés é assim a figura fundamental para se compreender a história da nação israelita. Moisés o levita foi o autor inspirado por Deus dos cinco primeiros livros bíblicos do antigo Testamento (Pentateuco) ou Torá (Lei) na tradição hebraica, textos estes que norteiam a fé judaica até nossos dias. O Pentateuco apresenta 603 mitzvot (mandamentos) além dos outros 10 escritos pelo próprio Deus no monte Sinai.

40 anos até alcançarem a Terra Prometida, a Terra Santa e depois de 400 anos de cativo egípcio.

Moisés não liderou o povo na conquista de Canaã, tarefa esta que ficou a cargo de Josué que juntamente com Calebe foram os únicos hebreus nascidos no Egito que herdaram a terra Santa, os outros morreram durante o período do deserto.

JUÍZES

Israel, no tempo do estabelecimento em Canaã, estava organizado em tribos, como já citado e essas representavam os Filhos de Jacó. No entanto, vale ressaltar que a tribo de José deu origem a duas tribos que representavam seus filhos, Efraim e Manasses, e a tribo de Levi não recebeu terras, pois a narrativa bíblica, em Josué 13,33, apresenta que “a tribo de Levi, Moisés não deu herança; o Senhor Deus de Israel e a sua herança, como já lhe tinha falado”. Dentro das tribos existia a subdivisão dos clãs.

A necessidade de ocupação de um vasto território e a formação de uma nova ordem caracterizada pelo sedentarismo, visto que ficaram 40 anos no deserto, fez com que os israelitas desenvolvessem um sistema político administrativo peculiar, caracterizado pelo governo dos juízes.

A fragmentação das tribos começou a ruir por volta do século XII a.C., quando os Filisteus vindos das ilhas do mar Egeu estabeleceram-se na Palestina. É importante esclarecer que Canaã, ou Palestina, apesar de ser uma região pouco fértil era um entreposto comercial entre a Europa, África e Ásia, além de ser banhada pelo Mar Mediterrâneo, que possibilitava o escoamento de produtos para o extremo oeste europeu e para o norte do continente africano. A pressão dos Filisteus intensificou-se nos dias do profeta Samuel. A fragmentação das tribos em um vasto território era presa fácil a uma monarquia sólida, como era a dos invasores. Diante

disso, a solução foi a unificação e consolidação de um Estado com regime monárquico forte, capaz de mobilizar as tribos contra um inimigo comum.

PERÍODO REIS

O período dos reis foi o mais intenso da história hebraica. Nele veremos a ascensão de Israel como uma potência regional e a decadência do reino, seguida por invasões estrangeiras.

O BEIJAMITA SAUL tornou-se o primeiro rei de Israel por volta do ano de 1020 a.C, com o apoio de Samuel que a princípio rejeitou a idéia de uma monarquia, seu governo foi marcado por uma unidade nacional entre as tribos, separadas por regiões não israelitas e também por sucessos vitórias contra os Filisteus.

Saul organizou um exército permanente e estabeleceu um corpo administrativo rudimentar, ambos formados por membros de sua família. Por volta do ano de 1000 a.C os Filisteus impetram uma terrível derrota aos israelitas no monte Gilboa, em que três filhos de Saul morrem e o próprio rei se matou, sobrando apenas o herdeiro do trono, o jovem Ishbaal que assumiu o poder em Guilead e reinou durante um curto período de tempo sobre Efraim e Benjamim, mas teve uma morte misteriosa, após a traição de Abner.

Davi assumiu o trono após a morte de Ishbaal, ainda que já tivesse poder sobre as demais tribos após a morte de Saul, a totalidade só fora alcançada após a morte do filho desse. Para um bom estudante da Bíblia, fica claro que Davi assumiu o trono por promessa divina, no momento em que Samuel o unge, mas é importante esclarecer que, segundo as tradições políticas do Oriente Antigo, Davi era herdeiro natural do trono, pois havia se casado com Mical, filha de Saul.

DAVI E SALOMÃO

O reinado de Davi marca o início da hegemonia de Judá sobre a região. No início de seu governo, Davi conquista Jerusalém dos Jebuseus, cidade que "separava as montanhas de Efraim da região de Judá, no centro da Palestina. Jerusalém era o principal interesse dos hebreus desde a conquista de Canaã, Davi materializou essa conquista tornando a cidade o centro da monarquia e do culto para todos os israelitas. O reinado de Davi foi marcado pelo apogeu da monarquia israelita, talvez de todo o período hebreu na região, desde os patriarcas até os tempos da destruição do segundo templo. Segundo a tradição judaica, o Messias salvador, aquele que restauraria a sorte de Israel, deveria vir de origem davídica, pois o próprio Deus garantiu vitória a seus descendentes.

A construção do templo sagrado foi iniciada e concretizada no reinado de Salomão, filho e sucessor de Davi ao trono de Israel. Salomão dominou as vias de comércio do crescente fértil e fez de Israel um dos principais reinos do comércio internacional da época. O reinado de Salomão foi marcado pelos altos impostos e a realização de trabalhos compulsórios, conhecidos como corveia, em grande medida para 'dar conta' de construir o Templo Sagrado ao Deus de Israel, que ficou conhecido por Templo de Salomão.

Assim como no reinado de seu pai, Salomão manteve a tribo de Judá como base política de seu mandato, desse modo, a tribo em questão não sofria com a alta tributação e a corveia. Apesar dos problemas, Salomão conseguiu manter o reino unificado até sua morte

ROBOÃO E A DIVISÃO DO REINO

Roboão, herdeiro do trono, não tinha o mesmo pulso que seu pai e avô tiveram. Diante das fortes hostilidades e do desejo de secessão das tribos do norte, lideradas por Efraim, em 922 a.C. imediatamente após a morte de Salomão, aconteceu a definitiva divisão do reino, dando origem ao reino do Norte, formado por dez tribos e sob o comando de Jeroboão, enquanto restaram as tribos do Sul, formada por Judá e Benjamim.

Etimologicamente, as tribos do norte ficaram conhecidas como Israel e, a partir desse momento, seus habitantes receberiam o nome israelitas, já as tribos do sul, apesar de Benjamim, ficaram conhecidas como Judá e seus habitantes judeus. O reino do Norte sofreu sucessivas mudanças de dinastias, enquanto Judá manteve até seu fim a dinastia davídica.

Jezabel divulgou sua religião e perseguia os não pagãos, mas é importante esclarecer que, mesmo no reino do Norte, existiam profetas que se ergueram contra a idolatria, como Elias e seu discípulo Eliseu, que se mantiveram fieis ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó e não se curvaram diante de deuses estrangeiros.

DOMINAÇÃO ASSÍRIA, DOMINAÇÃO BABILÔNICA E EXÍLIO

Entre 744 a.C e 727 a.C., a Assíria ressurgiu como grande império expansionista, sob liderança de Tiglath-Pileser III, que, após subjugar a Babilônia, voltou suas atenções para o ocidente. Em 738 a.C., o imperador assírio passa a cobrar impostos do Reino do Norte e dos Estados ao norte de Canaã. Nesse momento, Israel e Damasco, um dos Estados ao norte de Canaã, juntam-se em uma coalizão regional contra o poderoso Império. Judá, que nessa época tinha Acáz como rei, não se prontificou a participar da coalizão, o que causou a ira dos membros que “invadiram Judá com a intenção de substituí-lo por um governante mais cooperativo. Frente a essa invasão e aos ataques de diversas outras partes, Acáz apelou para Tiglath-Pileser III, pedindo ajuda”. Após o pedido de ajuda, os assírios mobilizaram-se em uma campanha para efetivamente acabarem com a coalizão e dominarem a região. Assim, invadiram Israel, deportaram parte de sua população e colocaram um rei fantoche no poder, Oséias.

Apesar de ter sido colocado no poder por decreto Assírio, Oséias recusou-se a pagar tributos ao poderoso império e pediu ajuda ao, já não tão poderoso, Egito, o que de fato não adiantou. Em 721 a.C., Sargão II invadiu Samaria, pondo fim definitivo na História do Reino do Norte.

Os assírios tinham como prática, no momento da ocupação, a troca da população nativa por de outras regiões, desse modo, deportaram os israelitas para a região da alta mesopotâmia, e o território do Reino do Norte foi colonizado por sírios e babilônios, formando, assim, um dos estereótipos carregado pela população samaritana, o de povo miscigenado e pagão.

Josias, restabelece parte da paz no reinado. De fato, no reinado de Josias, a aliança com Deus de seus ancestrais foi restaurada. Triste foi o fim de Josias, que, ao tentar impedir as tropas egípcias de se unirem aos assírios em uma ofensiva ao crescente império babilônico, fora brutalmente assassinado.

Apesar da ajuda egípcia aos assírios, os babilônios tornaram-se a grande potência na região. O grande general Nabucodonosor – que logo se tornou rei – derrotou os egípcios na Síria e transformou o rei de Judá, na época, Joaquim, em seu vassalo. Joaquim não se submeteu ao domínio babilônico e liderou um levante contra o império mesopotâmico. Nessa rebelião, o rei foi morto e sucedido por Jeconias, seu filho de 18 anos, que resistiu durante três meses, quando se rendeu.

Sedecias tornou-se rei após a deposição de Jeconias, no entanto, apesar de ter sido colocado como rei fantoche dos interesses babilônicos, o rei foi líder de uma nova rebelião. Em 587 a.C., as tropas de Nabucodonosor destruíram as muralhas de Jerusalém e o Templo de Salomão, centro das celebrações religiosas do povo judeu, renderam os oficiais e os nobres e parte da população e os levaram cativos para a Babilônia, tinha, assim, o fim do Reino de Judá.

O exílio babilônico fortaleceu as instituições religiosas do povo judeu. As reminiscências dos tempos gloriosos de Davi e Salomão tornaram-se ideais no inconsciente coletivo dos exilados, neste contexto as esperanças do sonho do Messias restaurador, aquele que restauraria a sorte de Sião, foram revividas.

Foram, ao todo, 70 anos até que os judeus (que voltaram, mas muitos ficaram por lá) deixassem o exílio babilônico. No início, sob dominação do próprio Império Babilônico e depois sob dominação do Império Persa, que sob liderança de Ciro, conquista a Babilônia em 539 a.C. Já em 538 a.C., os primeiros exilados retornaram a Judá, agora uma província Persa.

RETORNO A SIÃO: SOB DOMÍNIO PERSA

Em 538 a.C., sob proteção do Império Persa, retorna o primeiro governador da província da Judéia, Sasabassar, um membro da Casa Real judaica, trouxe consigo os objetos sagrados do Templo, que haviam sido roubados por Nabucodonosor, e também restabeleceu o altar do holocausto. Em 522 a.C., outro descendente da casa dravídica assume o posto de governador da província da Judéia, Zorobabel. Sob a liderança de Zorobabel tem-se a reconstrução do Segundo Templo, que ficou pronto em 515 a.C., longe de ter a suntuosidade do Primeiro Templo, como alguns poucos idosos podiam lembrar.

Apesar da reconstrução do Templo Sagrado, a cidade de Jerusalém continuava em ruínas, as muralhas que protegiam a cidade sagrada estavam destruídas, sendo passível de invasões estrangeiras. Além disso, o pouco da religião ancestral que havia sobrevivido era marcado pelo sincretismo, pois, em Babilônia, os exilados tiveram contato com outras religiões, e muitos dos que haviam ficado também sofreram com a perda das referências religiosas, visto que poucos profetas e sacerdotes resistiram ao exílio. Nesse contexto, surgiu Esdras e Neemias.

Os contemporâneos Esdras e Neemias foram os grandes reformadores das instituições judaicas pós-exílio e, para alguns, os fundadores do judaísmo enquanto religião.

Neemias era o “enóforo – o encarregado dos vinhos – do rei persa Artaxerxes, no palácio de Susa, seu homem de confiança” que havia se tornado governador da Judéia em 445 a.C. por nomeação. Apesar de não ser da Casa de Davi, foi recebido como um enviado de Deus.

Aos poucos, Judá foi alcançando certa autonomia e Jerusalém tornou-se o centro de um pequeno Estado governado por um Sumo Sacerdote, que fazia da Torá regras de conduta religiosa e ética.

PERÍODO HELENÍSTICO

O Império Persa foi, durante dois séculos, o grande senhor do oriente próximo, no entanto, em 333 a.C., esta condição mudou quando Alexandre, o Grande, destronou Dário III e passou a ter os persas e os povos sob sua tutela em súditos do Império Macedônio. O grande Império liderado por Alexandre englobava um vasto território que ia da Península Balcânica ao rio Indo, no subcontinente indiano.

Historicamente, o período de dominação macedônio é conhecido como Helenista. A palavra Helenista, vem de Helade, que pode ser traduzido do grego como Grécia. Neste período, a cultura, a religião e os costumes gregos foram difundidos pelos lugares em que Alexandre dominou.

SOB DOMÍNIO SELÊUCIDA

A Palestina, uma macro região em que dentre outras províncias estava a Judéia, ficou sob domínio do reino de Ptolomeu, sediado no Egito. Durante todo o século III a.C., a possessão asiática de Ptolomeu foi zona de litígio, sendo palco de conflitos contra o nascente Império Selêucida.

Em 198 a.C., os Seleucidas expulsaram os ptolomaicos da Ásia e tomaram a Palestina. Antíoco III, imperador seleucida na época, “permitiu que a Judéia continuasse como um Estado semi-autônomo”, seu sucessor Antíoco IV – 175 a.C. a 163 a.C. – estabeleceu uma relação diferente com a região, o que determinou decisivamente o poder estrangeiro sobre essa região.

O governo de Antíoco IV, autodenominado Epifanes (encarnação de Deus), foi marcado pelo conflito de interesses entre ele e a, também, expansionista República Romana que, desde a época de seu pai, já infligira derrotas humilhantes ao Império Selêucida. Diante da necessidade de proteção, Antíoco IV adotou a pilhagem de templos dos povos súditos.

O período de dominação selêucida também marcou as sucessivas compras de sacerdócio por famílias de classe alta de Jerusalém, como quando, no início do século II, Josué, ou Jasão, seu nome helenizado, subornou o Imperador e conseguiu o título de Sumo Sacerdote.

O sucessor de Jasão foi o Sumo Sacerdote Menelau, que superou o antecessor em maldade, vendendo os recipientes do Templo e ajudando o imperador selêucida a pilhá-lo, em 169 a.C. Em seu governo, a Torá foi revogada enquanto lei dos judeus, a circuncisão, o Shabat e as festas da tradição foram consideradas ilegais, foram erigidos altares pagãos em Jerusalém, e a população foi obrigada a comer porco como forma de obediência.

REVOLTA DOS MACABEUS E A DINASTIA DOS ASMONEUS

As atitudes de Menelau, articuladas pelo Imperador, causaram revoltas entre muitos judeus que ainda observavam a Lei, especialmente entre aqueles que viviam na zona rural, entre eles um sacerdote de Modiin, chamado Matatias e seus cinco filhos. Matatias iniciou uma revolta contra o poderoso Império Selêucida, mas logo foi morto, sendo sucedido por seu terceiro filho, Judas, chamado de Macabeu (o Martelo). Judas Macabeu foi o líder mais proeminente durante o período conhecido como Guerra dos Macabeus, impôs sucessivas vitórias aos judeus e, em dezembro de 164 a.C., entrou em Jerusalém, restaurou o Templo profanado e restabeleceu o culto a Deus.

Em 163 a.C., Menelau foi executado, e Alcimo, da casa de Arão, portanto, um Levita, foi proclamado Sumo Sacerdote. Apesar da vitória dos Macabeus, a Judéia continuou a ser uma província do Império Selêucida, mas agora, com certa autonomia. Nesse momento, os "soldados selêucidas supervisionavam a observância da lei mosaica"

A DOMINAÇÃO ROMANA E O REINADO DE HERODES, O GRANDE

Após a morte de Janeu, sua esposa Salome assumiu o trono, mas não pode evitar que seus filhos lutassem pelo poder. Os irmãos Aristóbulo II e Hircano II foram protagonistas de lutas encarniçadas pelo poder após a morte de sua mãe Salomé.

Aristóbulo tornou-se rei com o apoio dos saduceus e Hircano Sumo Sacerdote com o apoio dos fariseus. Aristóbulo, que desejava para si o poder sacerdotal, e Hircano, o real, pediram auxílio ao general Romano e um dos líderes do 1º Triunvirato Pompeu que, apesar de ter recebido mimos dos dois lados, optou por ajudar Hircano, que agregou o poder civil e o poder religioso.

Roma, que nesse momento não era um Império, e sim uma República governada por senadores, não intervinha sem que não achasse interesse e logo passou a cobrar tributos da Judéia em troca de seu apoio ao rei. Nesse momento, 63 a.C., iniciou a dominação romana sobre a região.

Após a morte do último monarca asmoneu, Herodes assumiu o governo da Judéia sob total dominação romana. Casou-se com a herdeira da Casa dos Macabeus para validar o poder sobre as classes mais conservadoras da região e dissociou o poder religioso do político, algo que não acontecia efetivamente desde o retorno da Babilônia, mas tinha o poder de nomear o Sumo Sacerdote, no entanto nunca fora reconhecido como rei legítimo pelos fariseus.

Herodes foi mantido no poder, apesar das transformações institucionais que ocorreram em Roma, como a mudança de República para Império. Otávio, sobrinho do grande general Julio Cesar, tornou-se o primeiro Imperador romano depois de derrotar os exércitos do conspirador Marco Antonio, na famosa batalha do Accio (31 a.C.). O tetrarca apoiava as pretensões do general Marco Antonio, mas, após a derrota de seu partidário,

teve a coragem de se apresentar diante do vencedor e dizer: "Julgue-me por minha lealdade, não pela pessoa a quem sou leal"

Herodes reinou com mão de ferro, obstinação e pragmatismo, destruindo prontamente seus adversários e desarticulando revoltas nos territórios sob sua jurisdição. Era este o cenário político na região, quando uma certa virgem de Nazaré recebeu a visita de um anjo.